

**The text that follows is a REPRINT
O texto que segue é um REPRINT.**

Please cite as:
Favor citar como:

**Fearnside, P.M. 2009. Recursos pesqueiros.
pp. 38-39 In: A.L. Val & G.M. dos
Santos (eds.) Grupo de Estudos
Estratégicos Amazônicos (GEEA) Tomo
II, Instituto Nacional de Pesquisas da
Amazônia (INPA), Manaus, Amazonas.
148 pp.**

ISBN 978-85-211-0050-8

Copyright Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia (INPA), Manaus, Amazonas

The original publication is available from:
A publicação original está disponível de:

Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia (INPA), Manaus, Amazonas



GEEA

Grupo de Estudos Estratégicos Amazônicos

Caderno de Debates

TOMO II

**Recursos Pesqueiros:
uma análise conjuntural**

**A ciência contemporânea e
o conhecimento indígena**

**Doenças tropicais: uma
abordagem amazônica**

bém fizeram este mesmo trabalho de questionamento por vários anos e eu tenho uma parte desta informação, embora não publicada.

Enquanto estive naquele posto também pude observar um grande desperdício de peixe na região. Presenciei muitas toneladas de peixe apodrecendo na beira do rio. Era muito difícil saber qual barco fazia isso, mas, por exemplo, quando os pescadores aprisionavam cardumes de jaraquis-escama-grossa, eles acabavam lançando fora os jaraquis-escama-fina já capturados e às vezes no gelo. Isso ocorria pelo fato do barco ter capacidade limitada, o gelo ser caro e o jaraqui escama gossa ser de maior porte e ter maior valor de mercado que o jaraqui de escama fina. Isso era um fato comum naquela região.

Quanto às barragens, acho que o barramento do rio Madeira pelas hidrelétricas de Santo Antônio e Jirau irá provocar perdas drásticas nas populações de peixes e na produção pesqueira. Isso provavelmente ocorrerá a partir do segundo ano e deverá comprometer mais de 80% da população. Certamente, isso vai repercutir negativamente no abastecimento de pescado para as populações humanas que vivem no Brasil e principalmente na Bolívia, gerando problemas transnacionais de grande complexidade social e econômica.

PHILIP MARTIN FEARNside

Considero muito importantes os dados aqui citados sobre o efeito das barragens do rio Madeira sobre os peixes migradores. Por coincidência, está sendo realizada hoje em Porto Velho uma audiência pública sobre a questão da pesca e da funcionalidade ou não dos canais de transposição de peixes. Como foi dito aqui, provavelmente esses canais podem permitir a subida dos peixes, entretanto a descida das larvas e ovos é duvidosa. Além disso, os bagres são muito sensíveis à falta de oxigênio. Assim, a falta de oxigênio no fundo do reservatório pode acabar com estes peixes.

A sensibilidade dos bagres à falta de oxigênio foi demonstrada de forma dramática pelo caso de Tucuruí, onde uma grande quantidade de bagres abaixo da barragem morreu por ocasião da abertura da primeira turbina, por onde passava a água anóxica, vinda do fundo do reservatório. Depois da formação do reservatório, dentro do lago praticamente só restou tucunaré, que é uma espécie que vive na parte mais superficial da coluna d'água, diferente dos bagres, que ficam no fundo. Então, a primeira questão é saber se os bagres adultos vão conseguir transpor

os dois lagos do Madeira, nos quais devem ocorrer trechos com água sem oxigênio.

A segunda questão se refere à descida das larvas. É muito provável que ao descerem o rio Madeira, na deriva, vão afundar até a parte anóxica e morrer no fundo dos reservatórios. Por outro lado, caso sobrevivam nesta descida, provavelmente não passarão intactas pelas turbinas. Daí, também surgem outras questões importantes. Por exemplo: quanto da pesca comercial de bagres no baixo Amazonas vai ser perdida por causa desse fenômeno? Essa perda pode ser compensada por peixes que estão se reproduzindo em outros afluentes? Como podem ser feitas essas estimativas? Evidentemente, estes parâmetros devem ser bem avaliados para as tomadas de decisões.

É evidente que a decisão política sobre a construção de barragens não leva em consideração esses fatores. Normalmente, a decisão de construir hidrelétricas é feita e anunciada, e só depois disso é que os impactos ambientais são avaliados. Ou seja, os estudos ambientais não têm o papel de contribuir com subsídios para a decisão em si. Por causa disso, é muito importante ter números exatos, não somente sobre quanto seria perdido dessa produção na parte inferior da bacia do Madeira e, por extensão, do médio e baixo rio Amazonas, em território brasileiro, mas também da produção perdida nas porções desta bacia nos países contíguos da Bolívia e Peru, inclusive com os peixes impedidos de migrar rio acima.

A perda de recursos pesqueiros devido à construção de barragens no rio Madeira representa um custo, não só em termos financeiros mas também em termos do sustento das populações tradicionais do interior da Amazônia brasileira, peruana e boliviana. Este custo não foi avaliado antes da tomada de decisão sobre a construção das barragens e, portanto, não foi considerado na decisão e muito menos de alguma forma compensado. Isto mostra que os estudos ambientais sobre grandes obras na Amazônia precisam acontecer numa etapa anterior ao processo de decisão. Os estudos precisam ser mais abrangentes e menos abreviados, como é a moda hoje em discussões do sistema de licenciamento ambiental.

MARIA TERESA FERNANDEZ PIEDADE

É um grande prazer estar presente em mais uma reunião do GEEA e participar de mais uma enriquecedora discussão, desta vez envolvendo